

## Rafael Simões e Edmar Camata

São, respectivamente, mestre em História e especialista em Gestão Pública; ambos também são membros da Transparência Capixaba

/// A corrupção mata silenciosamente todos nós, boicota virtudes, a integridade, os sonhos e ideais democráticos. Todos somos responsáveis

## Momento de avançar

Neste 9 de dezembro celebramos o Dia Internacional de Luta Contra a Corrupção. Nesta data, foi aprovada a Convenção da ONU Contra a Corrupção. Um mal que mata no mundo todo tem, desde 2003, antídoto global.

O Escritório de Drogas e Crimes da ONU estima em US\$ 1 trilhão o custo anual mundial da corrupção. No Brasil, é cerca de R\$ 100 bilhões.

O problema não está nos números frios de montanhas de dinheiro. O problema se vê na educação indigna, na saúde desumana, nas estradas que, em vez de transportar, matam. Na política deturpada, que enriquece seres sem virtudes.

Exemplo mais recente, impossível. Após ricas campanhas políticas abastecidas com recursos das poluidoras, a conta vem - para ser rateada por nós - em forma de desastre criminoso. A confusão entre o público e o privado atinge o zênite.

Quando a corrupção



não mata pela tragédia diária dos hospitais ou das estradas, é ainda pior. Ela mata silenciosamente todos nós, boicota virtudes, a integridade, os sonhos e ideais democráticos, solapados pela disputa motivada unicamente por interesses particulares. Esquecemos que não existe Estado sem que sejam cultivados valores republicanos.

A luta contra a corrupção tem, hoje, um desafio: como tornar o sentido, a razão de existir, da República em algo tangível para os cidadãos? O filósofo Bacsko já afirmava que símbolos só fazem sentido para os cidadãos quando imersos em um conjunto de valores e/ou expectativas compartilhados. Como fazer isso numa cultura com tamanha confusão entre o público e o privado?

Leis e instituições não faltam para combater esses males. É tempo de operacionalizar essas ferramentas, não tolerar a falta de ética, combater a apropriação do público pelo privado, tratar a macro e a micro corrupção.

Todos somos responsáveis por isso, mas especialmente os que ocupam funções públicas. Hobsbawm já registrava que, “mesmo em tempos insatisfatórios, a injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. O mundo não vai melhorar sozinho”.

## João Baptista Herkenhoff

É magistrado aposentado, professor e escritor  
E-mail: jbphekenhoff@gmail.com

/// Para que a utopia seja força progressista, é preciso transformar as aspirações em militância. A edificação da utopia não é obra de uma só geração

## Direitos e utopia

Dez de dezembro é o Dia Internacional dos Direitos Humanos. A data não pode ser esquecida. Consolidar a ideia de Direitos Humanos é uma exigência para que a Humanidade possa sobreviver sem se desnaturar. Constatamos, no leque das culturas que se espalham pelo orbe terráqueo, um “núcleo comum universal de Direitos Humanos”. Esse “núcleo comum” corresponde aos “universais linguísticos” descobertos por Chomsky.

Na visão de algumas pessoas, os Direitos Humanos são uma utopia, coisa de poeta que não tem os pés na terra. Nisto de colocar o rótulo de utopia nos Direitos Humanos, os que pensam dessa forma estão certos. A meu ver, o equívoco está em supor que a utopia é sonho irrealizável.

A utopia é a representação daquilo que não existe ainda, mas que poderá existir se o homem lutar para sua concretização. É a consciência antecipadora do amanhã.

A primeira função do pensamento utópico é favorecer a crítica da realidade. (Pierre Furter). As utopias propõem aos homens os meios para proverem seu destino à luz de uma visão global do desenvolvimento histórico. (Ernst Bloch)

Para que a utopia seja força progressista, é preciso transformar as aspi-

rações em militância.

O presente pertence aos pragmáticos. São eles os vitoriosos de hoje. Frequentam as manchetes dos jornais, as chamadas da televisão, as revistas de celebridades. Supõem que seu êxito é eterno. Enganam-se. Talvez na próxima geração ninguém nem saiba lhes declinar o nome.

A competição gera um progresso conflitivo e desumano. A cooperação é que pode produzir o verdadeiro progresso, em benefício de todos e não apenas em proveito de alguns. A felicidade de um povo mede-se por indicadores muito mais profundos do que o simples consumo, ainda mais esse consumo que alcança somente uma fração da coletividade.

Sempre foi a utopia que moveu a história. Tomás Morus, Campanella, Marx, Teilhard de Chardin, Kierkegaard, Gabriel Marcel, Ernest Bloch, Roger Geraudy, Martin Luther King, Che Guevara, Tiradentes, Frei Cameca e Dom Hélder Câmara foram alguns dos grandes utopistas que alimentaram a caminhada dos homens na busca de uma existência compatível com sua dignidade.

Dizer que a utopia morreu é assinar carta de abdicação à face das forças poderosas que comandam este mundo. É preciso alimentar a utopia com a nossa fé, em todos os espaços sociais onde possamos atuar: construir a utopia em nosso país, em nosso Estado, em nosso município, em nosso bairro, em nosso local de trabalho.

A edificação da utopia não é obra de uma só geração. Temos de fazer o que cabe ao nosso tempo e transmitir o bastão aos que vierem depois de nós.

## Marcelo Zenkner

É secretário de Estado de Controle e Transparência

/// Para 34% dos brasileiros, a corrupção é o maior problema do país. Essa compreensão deve ser festejada

## Dia Internacional de Combate à Corrupção

Há exatos 12 anos foi assinada, na cidade de Mérida, no México, a Convenção da ONU contra a Corrupção, com o objetivo central de fortalecer a cooperação internacional na prevenção e no combate à corrupção. Por isso, a fim de fomentar a conscientização da população mundial em torno da necessidade de implementação de políticas públicas capazes de inibir o desvio de recursos do erário e de mitigar a impunidade que gravita em torno dessa prática criminosa, o

9 de dezembro é considerado “Dia Internacional de Combate à Corrupção”.

Não se trata de uma data comemorativa, muito menos de motivo para celebração. Nas palavras do ex-secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, “a corrupção é uma praga insidiosa que possui uma ampla gama de efeitos corrosivos sobre a sociedade, pois mina a democracia e o Estado de Direito, leva a violações dos direitos humanos, distorce os mercados, corrói a

qualidade de vida e permite que o crime organizado, o terrorismo e outras ameaças à segurança humana possam florescer”.

Segundo o Instituto Datafolha, hoje, para 34% dos brasileiros, a corrupção é o principal problema do país. O tema aparece pela 1ª vez no topo do ranking, à frente da saúde (16%), do desemprego (10%), da educação e da violência (ambas com 8% cada).

Essa compreensão pelo cidadão brasileiro deve sim ser festejada, pois a corrupção, historicamente, sempre foi tratada como uma prática com a qual deveríamos conviver em terras tupiniquins. Para se ter uma ideia, em 17 de dezembro de 1548, Pero Borges, corregedor de Justiça condenado pelo desvio de recursos destinados à construção de um aqueduto em Elvas, cidade do Alentejo português, foi nomeado por D.

João III para o cargo de ouvidor-geral do Brasil. Assim, apesar da pena de “suspensão por três anos do exercício de cargos públicos” que lhe foi imposta por corrupção, Pero Borges, ocupando cargo que pode ser comparado ao de ministro da Justiça, acompanhou a armada comandada por Tomé de Sousa que zarpuo rumo a Salvador com a missão de criar o Governo-Geral do Brasil.

A conscientização da sociedade brasileira em torno dos malefícios que são causados pela corrupção talvez represente a maior herança que será deixada pela Lava Jato. Consolidada a percepção pelo cidadão de que o enriquecimento ilícito daqueles que ocupam cargos públicos atenta diretamente contra a qualidade de vida da população, um enorme passo contra a impunidade será dado. Comemoramos, pois!